

## Trilhas Interpretativas e Vivências na Natureza: aspectos relacionados à percepção e interpretação da paisagem<sup>1</sup>

*Profa. Dra. Solange T. de Lima-Guimarães<sup>2</sup>*

### RESUMO

Este estudo de percepção e interpretação de paisagens é uma contribuição na área da Geografia para as pesquisas teóricas e aplicadas sobre educação ecológica, tendo a paisagem como ambiente de aprendizagem direcionada e incidental, através de experiências ambientais imediatas, tais como trilhas interpretativas e vivências na Natureza. Visa ainda contribuir para processos de sensibilização e conscientização ambiental a partir da visão ecológica, induzindo a mudanças atitudinais no sentido do desenvolvimento de condutas pró-ambientais mais conscienciosas, bem como subsidiar programas e projetos vinculados às políticas públicas direcionadas à conservação e valoração da paisagem.

**Palavras-chave:** Paisagem. Interpretação Ambiental. Percepção Ambiental. Trilha Interpretativa. Experiência Ambiental. Condutas pró-ambientais.

### ABSTRACT

This study of landscapes interpretation and valuation is a contribution to the area of Geography for theoretical and applied research about environmental education. It has landscape as an environment of directioned and incidental learning, through the immediately environmental experiences as interpretative trail and significative life experience in the Nature. It also aims a contribution for sensibilization and environmental conscientization process from the ecologic view, persuading attitude changes to develop a more conscientiously pro-environmental behavior and to subsidize programs and projects linked to public politics directioned to conservation and valuation of the landscape.

**Keywords:** Landscape. Environmental Interpretation. Environmental Perception. Interpretative Trail. Environmental Experience. Pro-environmental behavior.

### 1 INTRODUÇÃO

Durante o período compreendido entre os meados dos anos de 1970 até o presente, temos observado no cenário internacional o crescente desenvolvimento de atividades e práticas alternativas inter e multidisciplinares voltadas para a educação e conservação ambiental, na busca de novos caminhos que propiciem melhores níveis de qualidade de vida às populações e, simultaneamente, sob uma

perspectiva ecológica, induzam à sensibilização sobre como atingi-los, garantindo uma relação estreitamente integrada à qualidade ambiental.

Particularmente, durante o desenvolvimento de nossos estudos e práticas interdisciplinares sobre percepção e interpretação ambiental, podemos afirmar que os aprendizados experienciais através das trilhas interpretativas e vivências na Natureza se constituem de relacionamentos de verdadeira imersão, nos quais observamos respostas

sensoriais e afetivas intensas, enquanto a paisagem compreendida como um ambiente de aprendizagem dirigida e incidental sobre uma visão ecológica do mundo.

Nessa perspectiva, a paisagem percebida e sentida é apreendida através de imagens interativas e de interdependência, alteridades e reciprocidades entre os seus aspectos naturais, construídos e ecléticos, mais as ações e os diferentes gradientes de interferências antropogênicas. Tais formas de abordagens fundadas na Ecologia Profunda e na Geografia Humanística, concernentes à transmissão de conhecimentos sobre o entorno, isto é, da paisagem vivenciada sob diferentes formas pelos participantes destas atividades, trouxeram-nos um aprendizado complexo sobre as relações do ser humano e a Terra, porque condizentes à dimensão das emoções e dos sentimentos.

### **PERCEBENDO A PAISAGEM: TRILHANDO HORIZONTES E POSSIBILIDADES**

Em nossos estudos, tomamos o conceito de paisagem de Gonzalez-Bernáldez (1981), reconhecendo o *geossistema paisagístico*, em dois níveis perceptivos e interpretativos – o *fenossistema* e o *criptossistema*, expresso como:

la manifestación del conjunto de componentes y procesos ecológicos que concurren en un territorio, de los que constituye la parte más fácilmente perceptible o de una forma más sintética como la percepción multisensorial de un sistema complejo de relaciones ecológicas. (GONZALEZ-BERNÁLDEZ, 1981, p. 03)

O autor analisando as relações existentes entre a percepção e a interpretação das

paisagens, de acordo com as diferentes culturas e civilizações, e a crescente perda da consciência relativa ao meio ambiente, em especial, da dimensão natural, afirma que:

esas facultades de percepción e interpretación no deben ser solo objeto de nostalgia o um maravilloso tema literário. Debemos considerarlas complementarias del enfoque abstracto-racional-científico y como una importante materia de estudio y de inspiración. (GONZALEZ-BERNÁLDEZ, 1981, p. 04).

Segundo Gonzalez-Bernáldez (1981), o hábito da interpretação concernente ao nosso entorno leva-nos ao desenvolvimento de uma consciência ambiental que, em muitos casos, se encontra fragilizada, devido aos modos de vida assumidos pela cultura urbana moderna se comparada com outras culturas – rurais, agrícolas, coletoras ou caçadoras. Através da interpretação, ampliamos os horizontes dos estudos interdisciplinares sobre as paisagens, diante das várias maneiras de experienciar o meio ambiente e nos reintegramos a ele, destacando-se processos imagéticos criativos e envolventes, ao considerarmos a natureza das experiências paisagísticas imediatas. (GUIMARÃES, 2004; 2007).

Nossos trabalhos de sensibilização perceptiva e de interpretação ambiental, desenvolvidos desde meados do ano de 1988, compreenderam excursões em áreas protegidas, trilhas interpretativas e vivências na Natureza, direcionadas a diversos grupos de participantes – alunos do ensino fundamental, médio e universitário; grupos ligados a programas de terceira idade; crianças com deficiências de

locomoção (cadeirantes, por exemplo); pessoas com deficiências visuais ou auditivas congênitas ou adquiridas; crianças autistas, e grupos com enfermidades físicas e/ou psicológicas (portadores de dor crônica, depressão, câncer, doenças auto-imunes, entre outras).

As trilhas e as vivências foram realizadas de forma simultânea, sendo explorados temas previamente selecionados em função do perfil e interesse dos grupos, metas dos trabalhos, associados à conservação e preservação ambiental, porém, correlacionando sempre aos aspectos da psicosfera que influenciam e modificam as percepções, interpretações e valores referentes ao meio ambiente. Nesse contexto, observamos o desenvolvimento de relações de ordem cognitiva, perceptual e afetiva com a paisagem, além das transformações atitudinais e comportamentais, incluindo processos condizentes à capacidade de resiliência dos seres humanos diante de situações adversas tanto pessoais quanto ambientais, a exemplo dos enfrentamentos relativos a eventos severos, adaptação a áreas de risco, ou seja, quanto às várias fâcies da experiência da paisagem de medo. (TUAN, 1979; LIMA, 1997; GUIMARÃES, 2007).

Os propósitos desses programas estão basicamente relacionados a atividades ludo-educativas, configurando-se como uma experiência ambiental dinâmica, participativa e colaborativa, visando atividades de estimulação pluri-sensorial, de busca do equilíbrio ecológico

e emocional através do estabelecimento de laços afetivos com o meio ambiente, buscando uma reconexão com a Terra. De modo geral, são realizados em locais com predominância de elementos paisagísticos naturais, presentes de forma significativa — águas, rios, cachoeiras, flora e fauna, que propiciam, assim, uma multiplicidade de estímulos sensoriais, envolvendo aspectos ligados a: memória, afetividade, cognição, percepção, interpretação e valoração ambientais.

Tais atividades servem como instrumento de interferência e modificação dos níveis perceptivos e interpretativos sobre a paisagem, levando à evolução de um grau mais profundo de consciência sobre as realidades ambientais, ao provocarem um processo de estimulação da acuidade perceptiva, mediante visitas às áreas, técnicas de dinâmicas de grupo, experiências diretas e visualização de imagens. As trilhas interpretativas assim como as vivências colaboram, de modo positivo e efetivamente, no desenvolvimento de ações conservacionistas, ao propiciarem práticas cooperativas, socialização, interatividade e conciliação das formas de conhecimento empírico, técnico-científico e saberes tradicionais, gerando novas mediações e padrões de inter-relacionamentos entre uma comunidade ou grupo.

Cooperam, também, esses programas, no sentido de subsidiar políticas públicas na área da gestão ambiental, em especial no tocante à educação ecológica, pois levam a processos de

sensibilização que podem influenciar diversos segmentos das comunidades envolvidas, a exemplo dos programas de uso público em unidades de conservação e gestão participativa. No que tange aos problemas e conflitos vivenciados no cotidiano, especialmente no caso da gestão e manejo dos recursos naturais de uso comum, a contribuição se dá justamente devido ao fato de que estimulam mudanças de atitudes no sentido das condutas pró-ecológicas (CORRALIZA; GILMARTIN, 1996), que nos conduzem a uma nova compreensão das preocupações ambientais passadas e presentes, diante dos novos paradigmas e visões sobre a sustentabilidade e as sociedades.

De acordo com Corral Verdugo (2000, p. 466-467; 2002), entendemos por *condutas protetoras do ambiente, condutas pró-ecológicas* ou *condutas pró-ambientais* (CPA), “o conjunto de ações intencionais, dirigidas e efetivas que respondem a requerimentos sociais e individuais que resultam da proteção do meio”.

Sobre este conceito, Martínez-Soto (2004, p. 5) afirma que “la CPA al ser deliberada forma parte de um estilo de vida que requiere de una tendencia más o menos permanente de actuación”, apresentando as seguintes características:

- ✓ Es un producto o resultado, es decir de la preservación de los recursos naturales o al menos la reducción del deterioro.
- ✓ Es efectiva, en el sentido de ser intencional y resultado de desplegar habilidades concretas.

- ✓ Presenta un cierto nivel de complejidad, pues requiere la anticipación del resultado de la acción, deliberación para actuar y dirección hacia una meta concreta.

Ao conduzirem à gênese de outros níveis perceptivos, em substituição àqueles no sentido do “*estar de fora*”, fragmentados em suas interpretações e representações, o meio ambiente e a paisagem não se restringem apenas ao que está em nosso redor, diante do alcance do olhar, tendo em vista uma simples conotação de cenários, mas lembram-nos de que *somos suas partes integrantes e integradoras* ao mesmo tempo. As trilhas e as vivências encontram-se, assim, inseridas em um processo de educação e alfabetização ecológica, marcadamente através de relações dialógicas de aprendizagens, estabelecendo-se redes interativas e, conseqüentemente, novos níveis de vinculação e de ações sinérgicas.

Além de estimularem uma acuidade perceptiva e interpretativa, estas atividades permitem o encadeamento de novas experiências ambientais exploratórias, a desestabilização construtiva de antigas bagagens experienciais e de níveis de conhecimento/informações anteriores, que, muitas vezes, apresentam incongruências e distorções relacionadas à apreensão equivocada das imagens das realidades ambientais, influenciando diretamente no desenvolvimento de uma consciência ecológica e nas condições de auto-estima e bem-estar dos participantes, compreendendo, ainda, os aspectos condizentes a faixas etárias, gênero e condições biológicas e

psicológicas dos mesmos. (LIMA, 1998; GUIMARÃES, 2001; 2004; 2007).

A mescla de aspectos lúdicos e educativos inerentes a essas experiências ambientais reveste-se de um sentido especial, em ambos os casos, ao amalgamar curiosidade, imaginação, variedade de estímulos, heterogeneidade de aspectos e elementos cênicos componentes, informações temáticas, companheirismo e solitudes, sentimentos e emoções, descobertas e redescobertas associadas à paisagem exterior e à interior, ainda que em ambientes cotidianos, a despeito das condições do “não-perceber” determinadas pela habituação.

Partindo de trabalhos nos domínios da psicosfera, desencadeamos reações de interação e interconexões, envolvendo um conjunto de estímulos de ordem sensorial e emocional que suscitam processos de adaptação e de respostas cognitivas e afetivas à paisagem, sendo esta enfatizada como um vetor de qualidade de vida, ao representar um conjunto de fatores indicadores da qualidade ambiental. Tais atividades devem ser fundamentadas em técnicas interpretativas e procedimentos de campo usuais que minimizem as condições de riscos, tornando sempre que possível um experienciar agradável, estimulado pela compreensão do *vivido*, compartilhando a ressignificação de contextos e conteúdos, bem como das transformações do significado de experiências ambientais anteriores, alterando reações, atitudes e condutas respectivas ao meio

ambiente. (LIMA, 1998; GUIMARÃES, 2004; 2007).

A respeito dessa reintegração biológica, psicológica e cultural dos seres humanos com a paisagem exterior e as constantes alterações perceptivas, que reconstroem continuamente as imagens e os significados da paisagem (exterior e interiorizada), vemos as trilhas interpretativas e as vivências na Natureza provocarem novos processos de adaptação ambiental e assimilação, mediante reações ativas e pró-ativas, respostas e processos adaptativos, observando-se a reorganização e a associação com outros significados e valores ambientais. Esse contexto torna os níveis de percepção e interpretação ambientais mais complexos e profundos, influenciando ainda nossos comportamentos através dos filtros perceptivos, ao proporcionarem de forma lúdica, o restabelecimento de um estado de receptividade e interatividade individual e coletiva a partir da experiência paisagística imediata, refletindo direta e indiretamente nos valores objetivos e subjetivos atribuídos às paisagens. (GUIMARÃES, 2004; 2007).

Deste modo, podemos considerar que tais atividades proporcionam uma reintegração da paisagem das exterioridades às paisagens interiorizadas: estímulos sensíveis, intrínsecos a uma experiência ambiental de imersão, profunda, intensa e, portanto, de significados relevantes no contexto de nossas próprias histórias de vida e aprendizados vivenciais induzindo várias leituras paisagísticas e

abarcando processos intuitivos, metafóricos e os modos narrativos. (LIMA, 1998; GUIMARÃES, 2004; 2007). Sobre estes processos, Hutchison (2000, p. 59-60) considera que:

O enfoque sobre conexões levou os educadores holísticos a valorizar uma grande variedade de abordagens do “saber” que complementam os modelos lógico-analíticos de conhecimento tradicionalmente legitimadas pelas escolas. Tais modelos incluem os processos *intuitivos* de pensamento, os quais envolvem contato direto e imediato com o conhecimento, cujo processo cognitivo, não-mediado pelas considerações ou pelas análises racionais, surge com maior frequência em momentos de intensa atividade criativa ou quando o corpo está em repouso, com a mente alerta; os processos *metafóricos* de raciocínio, que envolvem saltos cognitivos no pensamento, os quais fazem uma ponte, por analogia, entre dois fenômenos aparentemente não-relacionados e, portanto, descobrem novas relações e padrões; e os modos *narrativos* de pensamento, nos quais a base temporal da vida recebe voz e as seqüências dos eventos são reconstruídas para seu significado ser apreendido.

Ao considerarmos as formas de interpretação e representação das distintas realidades percebidas, a influência dos filtros perceptivos e o exercício da ética ecológica, restabelecemos a relevância das responsabilidades e dos compromissos relacionados à proteção, tutela e salvaguarda dos patrimônios paisagísticos naturais e construídos. Neste sentido, propiciamos condições para o desenvolvimento de ações proativas, condutas pró-ecológicas e gestão ambiental participativa nas comunidades às quais pertencemos ou atuamos. Conseguimos isso, exercendo, efetivamente, os princípios da cidadania ecológica, em um mundo onde as necessidades de uma consciência ambiental

ainda se encontram arquitetadas sobre estruturas de processos e movimentos históricos voltados para visões materialistas, sustentadas por valores utilitários e consumistas. Esse fato faz com que constituam a herança e permanência do pensamento e das ideologias da Revolução Industrial do século XIX que, segundo Schweitzer (1959), levaram à ruptura entre o discernimento e a vontade, a razão e a emoção, entre o pensar e o sentir.

Temos então, que uma trilha de interpretação da paisagem delinea-se como uma amostragem de seqüências, conexões, processos e estruturas ecológicas, mais as sinergias e dinâmicas ambientais, sendo a experiência vivida relacionada intimamente a uma compreensão mais profunda de nossas próprias percepções e interpretações ambientais individuais e grupais diante de fácies diferenciadas, abrangidas as dimensões objetivas e subjetivas das paisagens, externalizadas pelos sentimentos concernentes à topofilia, topofobia, biofilia, biofobia e hidrofília (BACHELARD, 1957; TUAN, 1974; WILSON; KELLERT, 1993). Já as vivências na Natureza são os pontos de pausas, realizadas durante estes mesmos percursos, para auscultarmos a paisagem, interiorizando essas mesmas experiências ambientais, vivenciando conscientemente os aspectos sensíveis que o cotidiano nos apresenta.

Mediante estas *experiências e vivências*, podemos observar a geração de processos relacionados à cognição, percepção e

afetividade por meio das intencionalidades dessas experiências imediatas, constituindo-se vivências significativas, e nesse sentido, os níveis de conhecimento e significação preexistentes são alterados a cada novo contexto experienciado, seja em relação ao seu caráter físico espaço-temporal ou aquele de natureza intersubjetiva, em razão do desenvolvimento de uma compreensão versátil do entorno, muito além das descrições sobre conexões causais.

As experiências ambientais proporcionadas pelas trilhas interpretativas ou pelas vivências na Natureza tornam-se, assim, chaves e fios condutores para o conhecimento do entorno e do próprio ser humano, levando à compreensão e apreensão do sentido da paisagem como *mundo vivido*. De acordo com Buttimer (1985, p. 172 e 185), para a fenomenologia, *mundo* é o contexto no “qual a consciência é revelada”, e “na perspectiva geográfica, poderia ser considerado como o substrato latente da experiência”, onde traçamos nossas trilhas interiores e exteriores, compartilhando horizontes paisagísticos individuais e coletivos, tangíveis ou não. Neste contexto, podemos entender a trilha interpretativa e as vivências como um diálogo entre nós e a paisagem, sobre a apreensão de aspectos do *espaço* e *mundo vivido*, fundamentando-nos na reflexão da autora:

- ✓ A idéia corpo/sujeito, onde são destacadas as relações diretas entre o corpo humano e seu mundo; a integridade da experiência;
- ✓ A idéia da intersubjetividade, ou seja, a busca da construção de um diálogo entre a

pessoa e o meio ambiente, destacando-se os aspectos relacionados à herança sócio-cultural e o papel assumido no mundo vivido de cada dia;

- ✓ A idéia dos ritmos tempo-espaciais, uma perspectiva que pode levar a compreensão da integridade dinâmica da experiência diária de mundo vivido. (BUTTIMER, 1985, p.168-185).

Também ao considerarmos as perspectivas marcadas por uma visão ecológica, podemos afirmar que as trilhas interpretativas e as vivências na Natureza são como portais que se abrem para aprendizados marcados pela criatividade, em que as experiências ambientais permitem encontros dialógicos, revelam caminhos por entre paisagens de sensibilidades e concretudes, entrelaçando dimensões da imaginação e da espiritualidade. Ao propiciarmos um diálogo entre os seres humanos e o meio ambiente, mediante o desenvolvimento destas atividades, podemos compreender a paisagem como fio condutor em programas de educação ambiental, apresentando como marcos, de acordo com Albero e Benayas del Alamo (1994, p. 79-80), os seguintes aspectos:

1. *motivação*: cenários e elementos componentes que incitam e animam à exploração e o desfrutar;
2. *estimulação dos sentidos*: despertar de capacidades contemplativas e de interiorização das vivências ambientais;
3. *interdisciplinaridade*: a paisagem se converte em lugar de encontro de disciplinas distintas de modo multi e interdisciplinar;
4. *decifração de mensagens*: infinidade de estímulos que escondem informações múltiplas sobre o entorno que podem ser decifrados pelo conhecimento e treinamento;
5. *globalização*: permite uma análise sistemática e global do médio;

6. *realista e concreto*: vantagens dos estudos das unidades paisagísticas graças a sua visibilidade;
7. *desencadeamento de juízos e valores*: estéticos, éticos e adaptativos direcionados à conservação ambiental;
8. *implicações na ação e intervenção*: relacionadas aos impactos ambientais.

Sobre as relações entre paisagem e educação ambiental, Gonzalez-Bernáldez (1981, p. 221), não só reitera o seu valor educativo no sentido de conscientizar e favorecer uma compreensão do entorno, o desenvolvimento de atitudes participativas e favoráveis de natureza conservacionista, de valores positivos, promovendo uma responsabilidade social, como afirma que a paisagem oferece chaves tangíveis para o acesso a um sistema de relações subjacentes que facilita sua interpretação, sendo que esse “proceso de explicación, de lectura o interpretación del mundo sensible, ofrece un camino muy interesante no solo para el conocimiento de geosistemas concretos sino también para una educación ambiental en general”. (GUIMARÃES, 2004; 2007).

No caso de avaliarmos uma trilha interpretativa como alternativa para favorecer a assimilação de conhecimentos através de diálogos e da própria experiência direta, seu objetivo principal passa a ser a apreensão de diferentes aspectos do meio ambiente, a partir da complexidade estrutural de uma unidade paisagística, levando-nos à percepção dos sistemas de interatividade entre diferenciados fatores ambientais – físicos, biológicos e antrópicos. Através das formas de interpretação da paisagem, consideradas as várias

intencionalidades e motivações correlacionadas, asseguramos, portanto, uma estreita ligação entre a verificação “*in situ*” da realidade ambiental e os processos educativos, pois nos permitem centrar a experiência da aprendizagem em um território concreto. Para Gonzalez-Bernáldez (1981), a adoção de novos enfoques requer preparo adequado e conhecimentos e, ao comparar a educação fundada na paisagem, tece as seguintes considerações:

las ventajas pedagógicas ofrecidas por la interpretación de un paisaje residen en la posibilidad de descubrir nexos entre sus componentes y entre éstos y un sistema subyacente que pose e también aspectos históricos.(...) El fragmento de paisaje real escogido ofrece menos diversidad y variedad que esas instalaciones o artefactos pero contiene una coherencia interna cuya explotación es fuente de importantes descubrimientos. (...) La interpretación del entorno es, pues, la base de la pedagogía de la naturaleza. (GONZALEZ-BERNÁLDEZ, 1981, p. 226).

Cabe lembrarmos que a interpretação da paisagem ainda deve levar em conta as influências da percepção do entorno pelos diferentes indivíduos, que poderão ocasionar distorções, dissonâncias, evoluções, contrastes perceptivos, associados não somente às variáveis compreendidas pelos processos e padrões informativos, comportamentais, atitudinais e de aprendizados, como também pelos estados psicológicos, biológicos, além dos vários focos de interesse. A percepção e a interpretação da paisagem, portanto, serão marcadas por percepções e valorações parciais, objetivas e subjetivas, conflitantes ou não, tanto na dimensão individual e coletiva ou grupal,

como no sentido dos ambientes e ambiências. (LIMA, 1997; 1998; GUIMARÃES, 2007).

No que tange às trilhas interpretativas, temos que considerar ainda a avaliação dos aspectos correlacionados à qualidade visual e as variações sazonais paisagísticas (fatores dos mais significativos na avaliação da qualidade da experiência ambiental), intimamente vinculada aos fatores estéticos e suas constantes variações e mudanças de valores conforme a cultura, época, região geográfica em estudo. A qualidade visual cênica de uma trilha ou de uma vivência na Natureza deveria ser motivo de preocupação para os pesquisadores e técnicos, considerando a amplitude, profundidade e dimensionamento do campo visual, os quais também influenciam direta e indiretamente as condições de visibilidade potencial e efetiva do entorno, ao envolverem a experiência com o ambiente imediato, influenciando e sendo influenciada pelas condições biológicas, psicológicas e culturais dos participantes. Segundo a classificação de valor da capacidade paisagística de Escribano Bombín et al. *apud* Ribas Vilàs (1992, p. 210), podemos avaliar os pontos de interpretação, relacionados a três elementos da percepção:

1. *Qualidade visual intrínseca*: derivada das características próprias de cada ponto territorial, sendo considerados como valores intrínsecos visuais positivos àqueles constituídos por aspectos naturais – morfológicos, vegetação, hidrografia, etc;
2. *Qualidade visual do entorno imediato*: relativa à visibilidade das características naturais anteriores, assinalando a possibilidade de observação dos elementos visualmente atrativos;
3. *Qualidade de fundo cênico*: relacionada à avaliação da qualidade dos horizontes cênicos que constituem o fundo visual de uma paisagem, tendo a valoração dos seguintes aspectos e componentes: intervisibilidade, altitude, vegetação, água e singularidades geológicas.

A avaliação dos aprendizados dirigidos e incidentais decorrentes da experiência ambiental, adquirida durante o percurso e a participação em uma trilha interpretativa, em áreas naturais, construídas ou ecléticas, deve ainda refletir sobre a fragilidade da paisagem enquanto recurso ambiental, ou seja, a alteração reversível ou irreversível dos níveis e graus de deterioração causados por diferentes tipos de impactos ambientais adversos, mediante a incidência de determinadas situações e efeitos sinérgicos, conforme Escribano Bombín et al. *apud* Ribas Vilàs (1992, p. 210-213). A fragilidade de uma paisagem remete-nos à percepção, interpretação e valoração de causas e efeitos associados a processos que nos direcionam a contextos de degradação ambiental, numa integração de suas várias instâncias – física, biológica e humana, assim como dos parâmetros de valoração e dos indicadores de impactos ambientais diante da necessidade de protegê-las, salvaguardá-las.

O fator de fragilidade paisagística tem um papel significativo para a sensibilização e compreensão das necessidades conservacionistas de forma a favorecer a conscientização referente à qualidade ambiental e de vida das sociedades, tanto a partir da percepção visual, relacionando-se, então,

aspectos ligados à maior ou menor fragilidade em função de fatores biofísicos, como do conhecimento das características históricas e culturais que interferem na acessibilidade e na capacidade de absorção visual da paisagem.

No traçado do percurso da trilha interpretativa, a variedade dos aspectos e elementos deve ser avaliada e escolhida cuidadosamente, de acordo com o tema que se deseja evidenciar através da interpretação, pois influencia os níveis experienciais do indivíduo e a posterior seleção de valores e atributos paisagísticos, reforçando atitudes ou as desconstruindo, devido a outras ressignificações advindas da nova experiência ambiental, tomando-se em conta “os aspectos relacionados com o exercício da sensibilidade humana, de ordem estética e psicológica”. (RIBAS VILÁS, 1992, p. 213).

Ao analisar a qualidade da experiência *de* e *com* a paisagem e a compreensão do entorno através das trilhas interpretativas e vivências na Natureza, as respostas podem ser avaliadas quanti-qualitativamente em termos de (1) *orientação*: atitudes positivas ou negativas diante do cenário, no caso, as seqüências de paisagens ou de seus elementos componentes; (2) *intensidade*: limites de manutenção, duração da experiência; (3) *coerência*: equilíbrio ou incongruências de atitudes diante do ambiente; (4) *transformação*: permanência ou não de atitudes e condutas antigas ou novas, sob o contexto de novas informações. (GUIMARÃES, 2004; 2007).

Em relação às experiências ambientais vividas durante o percurso de uma trilha interpretativa ou desenvolvimento de uma vivência, entendemos que elas possam ser consideradas como um valioso subsídio para diversas atividades ludo-educativas de sensibilização ecológica. Essas atividades seriam dirigidas e cooperativas, principalmente entre aquelas voltadas para programas de qualidade de vida e ambiental, evidenciando uma busca de melhores níveis de bem-estar através de processos de reeducar-nos por meio de aprendizados significativos. Somente podemos valorizar as atividades de interpretação da paisagem como *educativas* e *vivenciais* à medida que estejam vinculadas a uma visão ecológica onde o sentimento de *ser parte* seja priorizado, levando a novos padrões atitudinais e de comportamentos no que tange às nossas responsabilidades sociais e compromissos éticos para a conservação do meio ambiente. Também cooperam em termos da construção de uma nova percepção, no sentido de sermos conscienciosos em relação aos problemas e conflitos ambientais, ao experienciar e percebermos situações a que não estamos sensibilizados, atentos no dia-a-dia, mas que nos afetam sob diversas formas.

Desse modo, contribuimos para uma evolução da incorporação de novos padrões atitudinais e comportamentais pró-ecológicos, inicialmente a partir do indivíduo e, posteriormente, tendo este como multiplicador social, abarcar grupos receptivos a essas

mudanças e assimilação, reforçando os objetivos já alcançados, mediante estratégias de gestão ambiental participativa e integrada, conjuntamente à inserção de novos valores conservacionistas e de responsabilidade social, promovendo estratégias de sustentabilidade e equidade ambiental para as diferentes comunidades atuais, berços das gerações futuras. (GUIMARÃES, 2005; 2007).

Ao longo de todos esses anos, em que estivemos envolvidos com tais atividades, podemos argumentar que, partindo do desejo de nos reeducarmos sob uma perspectiva ecológica, tendo em vista horizontes de melhor qualidade ambiental e de vida, expandimos também nossas ações e compreensão a respeito do meio ambiente, das paisagens e dos outros seres humanos, não apenas propiciando mudanças comportamentais, mas em especial, mudanças afetivas, perceptivas e valorativas na relação Homem/Terra, permitindo o reconhecimento e a compreensão de qual “emoção fundamentalmente mobilizadora” (MORAIS, 1993, p. 98) está presente nas circunstâncias de construção ou desconstrução de nosso mundo e espaço vivido.

Considerando o papel e a significância dos estudos teóricos, experimentais e aplicados no campo da percepção e interpretação ambiental, nesta primeira década do século XXI, e a necessidade emergencial da educação ecológica, concordamos com Regis de Moraes (1993, p. 72), ao tecer considerações sobre os rumos da Ecologia da Mente, quando afirma

que “ante as urgências da terceira ecologia, a educação pode assumir as suas responsabilidades”. Destacamos, ainda, que estes estudos e práticas tendo a paisagem como campo de aprendizados experienciais não se encontram limitados a uma fenomenologia de caráter subjetivista, mas expandem-se ao envolver as relações intersubjetivas numa tessitura das dimensões biológicas, ecológicas, geográficas, político-econômicas e sócio-culturais.

Diante desses contextos, para finalizar, lembramos Hans-George Gadamer (s.d.):

um diálogo sempre deixa marcas em nós. O que faz com que algo seja diálogo não é o fato de havermos ensinado algo de novo a alguém, mas que tenhamos encontrado no outro algo que não havíamos ainda encontrado em nossa experiência de mundo. O diálogo possui uma força transformadora. Quando acontece um diálogo, algo fica em nós, e algo que nos transforma.

Na busca da compreensão da paisagem, e por extensão, do meio ambiente, podemos afirmar que através das trilhas interpretativas e das vivências alcançamos uma percepção transformadora das realidades ambientais já experienciadas. A partir da geração de novos diálogos, das leituras de outros contextos paisagísticos, compreendemos um pouco mais a respeito das outras formas de vida. Ao imprimirmos nossas próprias marcas, impregnamos de significados e sentidos as paisagens exteriores e interiores, expressas nas construções ou destruições ambientais que temos vivenciado. Neste sentido, *a paisagem fica em nós*, e por ela somos transformados e

transformamos: na continuidade do construir e seguir nossas diferentes trilhas, perscrutadas por distintos olhares...

## REFERÊNCIAS

ALBERO, C.M.; BENAYAS DEL ÁLAMO, J. Aprendiendo a través del paisaje, In: BENAYAS DEL ÁLAMO, J. et al. **Viviendo el paisaje: guía didáctica para interpretar y actuar sobre el paisaje**. Madrid: Fundación NatWest, 1994. p.79-96.

BACHELARD, G. **La poétique de l'espace**. Paris: Presses Universitaires de France, 1957.

BERNÁLDEZ, F. G. **Ecología y paisaje**. Madrid: Blume, 1981.

BUTTNER, A. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido, In: CHRISTOFOLETTI, A. **Perspectivas da geografia**. São Paulo: DIFEL, 1985, p. 165-193.

CORRALIZA, J. A.; GILMARTIN, M. A. Psicología social ambiental: ideas y contextos de intervención. In: ALVARO, J. L.; GARRIDO, A.; TORREGROSA, J.R. (Coord.). **Psicología social aplicada**. Madrid: McGraw Hill, 1996. p. 409-426.

CORRAL-VERDUGO, V. La definición del comportamiento proambiental. **La Psicología Social en México**, México, v. 8, p. 466-467, 2000.

GUIMARÃES, S. T. L. **Paisagens: aprendizados mediante experiências. Um ensaio sobre interpretação e valoração da paisagem**. 2007. Tese (livre-docência) 2007. – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro/SP, 2007.

GUIMARÃES, S. T. L. Planejamento e proteção dos recursos paisagísticos: aspectos relacionados à percepção e interpretação da paisagem, **OLAM – Ciência & Tecnologia**, Rio Claro, vol.5, n. 1, maio/2005, p. 202-219.

GUIMARÃES, S. T. de L. Dimensões da Percepção e Interpretação do Meio Ambiente: vislumbres e sensibilidades das vivências na natureza, **OLAM – Ciência & Tecnologia**, Rio Claro, v. 5, n. 1, p. 202-219, maio 2004.

GUIMARÃES, S. T. L. Percepción ambiental: un camino para conocer y reconstruir el paisaje vivido,

In: WAISMAN, L.; SHOCRON, M. **EducarNos: nuevas propuestas para la educación y la convivencia**. Buenos Aires: Lugar Editorial, 2001. p.184-190.

HUTCHISON, D. **Educação ecológica: idéias sobre consciência ambiental**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

LIMA, S. T. **Paisagens & ciganos**. 1996. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro/SP, 1997.

LIMA, S. T. Trilhas interpretativas: a aventura de conhecer a paisagem, **Cadernos Paisagem. Paisagens 3**. Rio Claro: UNESP, 1998, p.39-44.

MARTÍNEZ-SOTO, J. Comportamiento proambiental. Una aproximación al estudio del desarrollo sustentable con énfasis en el comportamiento persona-ambiente, Theomai, Quilmes, Invierno 2004. <<http://revista-theomai.unq.edu.ar/numespecial2004/art%20soto%20numespec2004.htm>>. Acesso em: 18 jun. 2007.

MORAIS, R. de. **Ecologia da mente**. Campinas: Editorial Psy, 1993.

RIBAS VILÀS, J. Estudios de paisajismo, In: BOLÓS, M. de. **Manual de ciência de paisaje**. Barcelona: Masson, 1992. p. 205-218.

SCHWEITZER, A. **Decadência e regeneração da cultura**. São Paulo: Melhoramentos, 1959.

TUAN, Y-F. **Landscape of fear**. Oxford: Basil Blackwell, 1979.

TUAN, Y-F. **Topophilia: a study of environmental perception, attitudes, values**. New York: Prentice-Hall, 1974.

WILSON, E. O.; KELLERT, S.R. (Ed.). **The biophilia hypothesis**. Washington: Island Press/Shearwater Books, 1993.

### Nota final:

<sup>1</sup>Texto elaborado a partir da tese de livre-docência em Interpretação e Valoração de Paisagens da autora.

<sup>2</sup>Prof. Adjunto do Depto. de Geografia, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, campus de Rio Claro (SP), Brasil. E.mail: hadra@uol.com.br